

MÍDIA, MERCADO E VALOR LITERÁRIO PARA O ESCRITOR-CRÍTICO

BERNARDO CARVALHO

Caroline Firmino
Universidade Federal de Santa Catarina

Como competir com um mercado editorial cada dia mais capitalista, interessado em vender tudo, menos a arte não-determinada? Sabe-se que o mercado editorial publica, na maioria das vezes, obras capazes de gerarem lucro, de atingirem as massas. São, obviamente, levadas por impulsos mercadológicos, de *marketing* e mídia, que cativam leitores ao focalizar, na obra literária, exatamente aquilo que ela tem de extra-literário: a capa, a “verdade por trás do texto”, a vida do escritor etc. É evidente que todo escritor, por mais que negue, quer ser lido. A diferença está naqueles que, inconformados com esses fenômenos de leitura de massa, buscam a sua verdade como escritores de literatura e não de meros artigos de consumo, a despeito da possibilidade de o número de leitores de suas obras poder ser bastante reduzido.

Diante dessa opressão editorial, muitos escritores ficcionais optam por desenvolver, paralelamente à atividade literária, a atividade de críticos. Essa é, aliás, uma entre tantas outras características da modernidade – Baudelaire, Pound, Octavio Paz, Borges, Haroldo de Campos e ainda muitos outros fizeram isso. Somando-se ao fator mercadológico o descontentamento com avaliações das quais podem e costumam ser vítimas, o escritor-crítico trata de produzir sua própria crítica a fim de, na qualidade de mais um leitor, prolongar a literatura em novas obras; além de garantir certa “proteção”, já que direciona constantemente seu projeto ficcional àquilo que valoriza no texto crítico.

Há muito se tem negado a existência de valores capazes de nortear os “juízes” da literatura. No entanto, a leitura das resenhas do escritor-crítico Bernardo Carvalho, objeto de minha pesquisa de Mestrado, mostra que não se trata de uma generalização: esse escritor, ao

questionar-se sobre o valor da arte a todo instante, prova o contrário do que se tem dito, ou seja, que ainda existem valores, e esses garantem por sua vez, a literatura. Coloca-se, então, a seguinte questão: se é que existem, quais são os critérios que Bernardo Carvalho utiliza ao julgar a literatura e a arte em geral? É em busca de respostas para esse questão que está esse trabalho.

Em primeiro lugar, vale salientar que Bernardo Carvalho aponta um dos principais problemas da crítica atual: “raramente os indivíduos discordam do consenso (hoje tão bem representado pelo mercado), por mais injusto, obtuso ou equivocado que este seja (...) em vez de pensar por conta própria, muitas vezes na contramão, o que demanda coragem, bom senso e determinação.” (**A lição do diabo**, Folha de São Paulo, 05 fev. 2000) E não é só à crítica atual que Bernardo desfere sua indignação. Segundo ele,

na mídia ninguém se dá ao trabalho de se interessar por fatos que ainda não existem (...), falta curiosidade e uma certa dose de militância saudável ao jornalista que se promulga crítico literário. [E ainda,] na universidade o professor de literatura não vai arriscar sua reputação, conquistada ao longo de anos, sujando as mãos para associar seu nome a um autor que, por estar começando, pode muito bem não dar em nada (ou acabar se revelando um verdadeiro equívoco), logo, porque falta generosidade e uma certa dose de militância saudável ao acadêmico que prefere ancorar sua carreira, com uma sensatez acomodada, em algum dos pilares mais sólidos da literatura nacional. (**“Amor” é esquisito como tudo o que ousa em inovar**, Folha de São Paulo, 18 abr. 1998)

Na resenha **Animal às avessas** (Folha de São Paulo, 02 dez. 2000), ele afirma que “uma das maiores decepções para o escritor estreante é descobrir que não basta escrever um bom livro (e ter a chance de publicá-lo); é preciso que falem dele para que passe a existir.” E aí entra a mídia, que tanto pode elevar como denegrir a imagem do escritor e de sua obra. Isso sem falar quando o resenhista analisa o objeto impondo-lhe parâmetros que não são os mesmos do escritor/artista – numa atitude que revela mais sobre o próprio crítico do que sobre o objeto criticado.

Admirador do austríaco Thomas Bernhard, Bernardo serve-se desse autor tanto para seu projeto ficcional como para a crítica. Dele resgata, por exemplo, a idéia de que “toda manifestação literária é artifício, por mais espontânea ou natural que pareça.” (**Mito da espontaneidade**, Folha de São Paulo, 28 abr. 2001) Ainda nessa resenha, ele conclui que a tentativa de colocar a literatura no dia-a-dia, dessacralizada, “é uma reação natural e subsequente a momentos em que o literário parece ter sido confinado às formalidades, ao culturalismo e aos artificialismos academicistas. A cultura se dá por ciclos de contraposição e antagonismo.”

Comentando o filme norte-americano "Encontrando Forrester", de Gus van Sant, o crítico constata o que chama de “compreensão limitada e medíocre da arte”, já que o filme mostra a arte sendo usada como uma “competição, com pontos objetivos a serem marcados e premiados, como num jogo de basquete. (...) que esvazia a literatura do que lhe é essencial e do que a faz incompatível com o modelo tacanho do mito da competitividade, da eficiência e da objetividade: ela é, antes de mais nada, uma criação subjetiva.” (**Sean Connery substitui olhar divino**, Folha de São Paulo, 12 abri. 2001) O caráter subjetivo da literatura é defendido em inúmeras resenhas. Só para citar mais um exemplo, em **O selvagem literário** (Folha de São Paulo, 18 nov. 2000), Bernardo reclama da dissolução das fronteiras entre jornalismo e literatura, debochando da atual fase de publicações literárias:

o mercado, com a aquiescência feliz da mídia, soube se aproveitar dessa tendência para declarar ultrapassadas as fronteiras entre jornalismo e literatura. De tal modo que, com exceção de alguns best sellers que ainda servem como a parte do escapismo e do sonho, a ficção (a de qualidade, pelo menos) corre o risco de se transformar em breve em gênero de museu. Não seria de admirar se no futuro, e dentro de uma perspectiva otimista, a redescoberta da imaginação como fundamento da criação literária viesse a provocar uma nova revolução cultural.

Em **A história real**, Folha de São Paulo, 04 mar. 2000, Bernardo define e denuncia: “Literatura é artifício e invenção. Não é a ‘história real’ que a faz mais verdadeira e justificada.

(...) não basta fingir que é ficção para fazer o que grandes autores vêm fazendo desde os tempos imemoriais.” A literatura não pode se limitar a “relatar a realidade com estilo, graça e emoção”, como fazem tantos falsos escritores. Mesmo se se quer definir a identidade de um país através da literatura (ou da arte de forma geral), por exemplo, Bernardo ressalta que não se deve agir por estreitamento: “À arte cabe buscar expandir os limites e as possibilidades de identidade do país e da língua em que é feita, e não estreitá-los.” (**Inventar o Brasil**, Folha de São Paulo, 05 ago. 2000)

A questão da novidade surge, de forma sutil, disfarçadamente, na resenha **Paradoxo do novo**, (Folha de São Paulo, 31 mar. 2001). Segundo Bernardo, todo artista jovem e/ou iniciante enfrenta o seguinte paradoxo: afirmar sua identidade artística através do novo e ser reconhecido, pela crítica, justamente por um certo “repertório”. Esse paradoxo é perigoso porque, muitas vezes, por se tratar de novidade, o crítico simplesmente a desconsidera, impedindo que novos sentidos possam ser percebidos. E novos sentidos devem ser o objetivo de toda literatura, que deve abrir novas possibilidades de percepção do mundo, mesmo que isso coloque o escritor em apuros no sentido de que, ao escapar da tradição, do cânone de seu tempo, está também dificultando seu entendimento e reconhecimento por parte da crítica (e aqui podem entrar os leitores comuns – aqueles raros indivíduos que ainda lêem e estão em busca de algo). Sobre isso, aliás, resenhando "Antes do Anoitecer", de Arenas, Bernardo “confirma a idéia de que, quanto maior a originalidade da obra, maiores as chances de o artista ser ignorado ou perseguido e de sua vida se tornar um inferno. Arenas pagou caro por seus livros não serem iguais aos outros: o exercício da sua liberdade foi a sua condenação.” (**Busca por liberdade vira forma de resistência**, Folha de São Paulo, 16 mar. 2000), ou seja, caiu na armadilha apontada pelo paradoxo.

A literatura também é, para Bernardo, um valor histórico. Na resenha **O livro inexistente** (Folha de São Paulo, 01 maio 1999), o autor critica a tentativa de a mídia tentar desmoralizar as editoras mandando-as um livro de Machado de Assis assinado por um pseudônimo. Sem defender as editoras, ele conclui que faz parte da atuação (e da lógica) dessas “apelar para o consenso e provocar a catarse da maioria”, e por isso, evidentemente, não devem ser condenadas por não aceitarem um romance do mestre Machado, afinal, “Por mais que, ao contrário da ciência, se atribua à literatura um valor absoluto, este ainda é, e sempre será, um valor histórico.” Por não reconhecerem Machado sim, são dignas de culpa. E principalmente, por não reconhecerem e ainda fecharem as portas para o escritor que poderia ser o Machado de hoje; afinal, como já foi citado, a cultura se dá por ciclos antagônicos e contrapostos.

Seja por afirmações, seja por negações, Bernardo preocupa-se com a definição de literatura. Definitivamente, mostra-se contrário à concepção corrente de literatura como “arte pop”. Isso porque a literatura, para o autor, é um “produto cuja essência --o texto literário-- é por princípio inadaptável às exigências da massa e inadequado ao *marketing*.” (**O oposto da literatura**, Folha de São Paulo, 10 abr. 1999) Não é arte pop, mas sim “um jogo, sem dúvida dos mais divertidos.” (**A neurose narrativa**, Folha de São Paulo, 03 jul. 1999) Jogar é o que esse escritor melhor faz – seus romances brincam com o leitor. A crítica das representações, tema aliás bastante moderno, faz-se em vários âmbitos: narradores, personagens, enredos e até a linguagem (“é incrível como as pessoas nunca sabem de nada”, repete, incansavelmente, Ana C., personagem de “Teatro”(1998)).

Na resenha **Em arco-íris, Pynchon entrelaça real e imaginário** (Folha de São Paulo, 10 ago. 1998), após emitir um conceito acerca do termo paranóia, que é tema constante de seus romances, Bernardo faz um comentário que pode servir de auto-avaliação:

Se a paranóia é o que tenta deduzir sentidos onde não há nenhum, no esforço de criar conexões inusitadas sob as aparências, eliminando toda possibilidade de acaso, Pynchon a leva ao extremo ao forçá-la, paradoxalmente, na loucura excessiva e hilariante dessas conexões, a não fazer mais sentido algum. (...) "O Arco-Íris da Gravidade" é desses livros grandiosos e generosos, que abrem para o leitor caminhos impensados, não somente novas possibilidades de fabulação, mas de criação de novos mundos, ainda que seja apenas por promover, em sua exuberância narrativa, o entendimento libertário de que novos mundos e pontos de vista sempre podem ser criados.

Repete a questão da novidade, fazendo aquilo que se falava no início deste trabalho, sobre o escritor-crítico utilizar-se dessa sua segunda “faceta” como instrumento de defesa; e no caso de Bernardo, apenas para os que conhecem sua obra – que são muito poucos –, até mesmo, para efeitos de autopromoção. Uns meses antes, resenhando uma coletânea de contos policiais – gênero no qual também se inclui, Bernardo havia elogiado James Ellroy – “um mestre do estilo” – por esse autor, mesmo “construindo um mundo muito pessoal, e de certa forma inverossímil, e lançando mão de um extremo humor auto-reflexivo, (...) ainda deixa ao leitor o julgamento final sobre o eventual alcance existencial de sua obra.”, isto é, não faz a autopropaganda e aposta na autenticidade e originalidade dos próprios textos. (**Coletânea de contos retoma autêntico policial**, Folha de São Paulo, 28 maio 1998) Deixa implícito, nessa análise, que tem como valor o caráter impessoal da literatura: ela é invenção, criatividade, inovação, e de matéria subjetiva, mas não pessoal.

E o que resta para a literatura diante do “império do *marketing*”? Ou como pergunta Bernardo em **“Amor” é esquisito como tudo o que ousa em inovar**, na Folha de São Paulo, em 18 de abril de 1998, “De que vale viver (e escrever sobre literatura) se não for para se arriscar e se aventurar no desconhecido?”. A resposta mostra a dificuldade em se falar de arte desvinculada da mídia, dada a influência das massas e da globalização, e que sob essa perspectiva sociológica, a “inovação” não passaria de uma tentativa de enquadrar-se no cânone da época, ou seja, participar lucrativamente do mercado. É um cenário lamentável esse da venda da literatura, mas

felizmente, há quem acene uma luz: “É lógico que nada é tão simples, e em arte são sempre as exceções, os casos individuais, que contam, e nunca as regras opressoras detectadas e combatidas pelas teorias sociológicas generalizantes.” (Idem)

Para Bernardo Carvalho, a literatura continua sendo “a linguagem que resiste à linguagem usual, da simples comunicação”, algo que, apesar de não servir para nada e “por isso mesmo, ela ensina a não se contentar com as ofertas, com o que existe” (**Para que serve a literatura?**, Folha de São Paulo, 07 ago. 1999) De uma forma geral, percebe-se que Bernardo considera, como valores imprescindíveis a qualquer literatura: a novidade, a artificialidade (que, como se viu, não é no sentido pejorativo, e sim, no de não ser real), a subjetividade, a impessoalidade, a capacidade inventiva, enfim, tudo o que transborda ao atual cânone “mercadológico”.